

Dora Kramer*

Do paraíso de Darcy ao inferno de Lula no Senado

Darcy Ribeiro (1922-1997) criou a frase célebre de comparação do Senado ao paraíso, na qual ressaltava a vantagem de se chegar ao Congresso sem o pré-requisito da morte. Celebrava o próprio mandato, conquistado em 1990 pelo Rio de Janeiro.

Luiz Inácio da Silva (PT) pareceu ecoar o conceito ao dizer que os senadores, “com mandato de oito anos”, se veem como deuses. Talvez a intenção tenha sido fazer a referência, mas a diferença entre o antropólogo e o presidente vai além das três décadas que separam os respectivos ditos. Há as circunstâncias.

Intelectual reconhecido com passagem tardia pela política, Darcy fez graça de uma Casa ainda lhana, de poucos embates e muitos confortos. Lula enfrenta embates em ambiente de oposição agressiva e animosidade do comandante do colegiado. O que lá atrás entrou para a história como chiste inspirado agora pode ter sido ouvido em tom de hostilidade.

O clima não permite tropeços. Há um presidente do Congresso disposto a confrontar prerrogativas. Do presidente da República —na indicação de

ministro para o Supremo Tribunal Federal— e até dos próprios pares —na interdição de comissões de inquérito. Há também uma campanha eleitoral da direita concentrada em obter futura maioria no Senado, com a conseqüente tentativa de ocupar a presidência do Parlamento.

Ao oficializar a escolha de Jorge Messias sem informar previamente Davi Alcolumbre, e enviar a mensagem na incerteza da existência de votos para aprovação, Lula reafirmou sua função constitucional de fazer a indicação e transferiu ao senador o ônus de manter o STF desfalcado pelo tempo que perdurar a pirraça.

Não por acaso o presidente do Senado já fez circular a ideia de que poderia adiar os trâmites para depois das eleições. Mesmo tendo sido só ameaça, Alcolumbre quis se referir ao resultado do primeiro turno, do qual já sai o desenho da nova correlação de forças no Senado, e insinuar que haja aí um grau a mais de dificuldade para Lula na etapa final.

*Jornalista e comentarista de política

Aristóteles Drummond

Espetacular Afif Domingos

O livro de memórias de Guilherme Afif Domingos, “Juntos Chegaremos Lá”, deveria ser distribuído entre estudantes, empreendedores e iniciantes na vida pública. A exemplar dedicação à causa de uma livre empresa, democratizada, como geradora de emprego, renda e construção de uma sociedade próspera e feliz, merece ser conhecida, reconhecida e exaltada.

São décadas de uma luta movida a ideal, civismo e uma incrível vocação de servir à sociedade, sem prejuízo de responsabilidades como empresário, líder de classe e homem público com admirável acervo de conquistas. Trajetória que reuniu admirações de todos os lados, pois é ator relevante, desprovido de ambições e vaidades.

Ocupou cargos relevantes no governo de São Paulo e no federal. E como parlamentar, formou entre os mais destacados na Constituinte e de bom senso, como Roberto Campos, Antônio Carlos Konder Reis, Ricardo Fiúza e Roberto Cardoso Alves.

Detalhe raro no universo político brasileiro é ter servido sempre ao interesse nacional e não aos governos. Homem cordial e educado, sem abrir mão de suas convicções, aceitou convites para ocupar cargos em diferentes governos, mostrando que, acima de tudo, estava o brasileiro —c aso seme-

lhante ao do governador Tarcísio de Freitas, que de diretor-geral do DNITT, de Dilma, foi destacado ministro no governo passado e hoje é eficiente governador de São Paulo. Afif nunca se envolveu em polêmicas, reagindo com elegância quando vítima do jogo baixo da política. Em 1989, foi candidato a presidente da República, tendo sido mais votado do que políticos tradicionais, como Ulysses Guimarães e Aureliano Chaves.

Na presidência da Associação Comercial de São Paulo, na federação paulista e da Confederação das Associações Comerciais, deu voz à pequena e média empresa, a fim de dar cobertura aos importantes projetos que tornou possível. Foi vice de Paulo Maluf, a quem sucedeu e teve como seu vice-presidente Romeu Trussardi, que fez sucessor.

Neste momento em que vivemos crescente decepção com a classe política, que é a sustentação de um regime político e econômico livre, o exemplo deste brasileiro pode estimular a volta à política de homens formados na iniciativa privada, de bem, nas novas gerações. Convém lembrar de uma seleção de empresários que exerceram mandatos em São Paulo, como Brasília Machado Neto, Herbert Levy, Horácio Lafer, José Maria Whitaker, Cunha Bueno e Ernesto Pereira Lopes, entre outros. Todos relevantes em seus mandatos.

EDITORIAL

Cessar-fogo pode dar folêgo à economia

A possibilidade de um cessar-fogo em um eventual conflito entre Estados Unidos e Irã representa mais do que um alívio geopolítico: trata-se de uma oportunidade concreta de estabilização econômica em escala global. Em um cenário marcado por tensões no Oriente Médio, o Estreito de Ormuz, uma das rotas marítimas mais estratégicas do mundo, torna-se peça central tanto para o agravamento quanto para a resolução de crises.

Responsável por escoar cerca de um quinto de todo o petróleo consumido globalmente, o estreito é altamente sensível a instabilidades. Qualquer ameaça à sua navegação provoca imediata elevação nos preços do barril, impactando cadeias produtivas, pressionando a inflação e reduzindo o poder de compra em diversos países, especialmente os importadores de energia.

Nesse contexto, um cessar-fogo entre Estados Unidos e Irã teria como efeito imediato a redução das tensões militares na região, garantindo maior segurança para o tráfego marítimo.

A reabertura plena e segura do Estreito de Ormuz contribuiria para a normalização da oferta de petróleo e gás natural, favorecendo a queda dos preços internacionais dessas commodities. Com isso, setores como

transporte, indústria e agricultura, altamente dependentes de combustíveis, seriam beneficiados, estimulando o crescimento econômico e reduzindo custos de produção. Além disso, mercados financeiros tenderiam a reagir positivamente, com maior previsibilidade e confiança por parte de investidores.

Outro efeito relevante seria a diminuição dos gastos militares e a possibilidade de redirecionamento de recursos para áreas como infraestrutura, saúde e inovação. Em países diretamente envolvidos ou afetados pela instabilidade, isso poderia representar um avanço significativo no desenvolvimento interno.

Entretanto, é importante destacar que um cessar-fogo, por si só, não resolve as causas profundas do conflito. Para que os benefícios econômicos sejam duradouros, é fundamental que haja diálogo diplomático contínuo e acordos sólidos que garantam a estabilidade na região.

Assim, mais do que uma pausa nas hostilidades, o cessar-fogo entre Estados Unidos e Irã deve ser encarado como um passo estratégico rumo à segurança energética global e à recuperação econômica. Em um mundo cada vez mais interdependente, a paz em pontos críticos como o Estreito de Ormuz não é apenas desejável, é essencial.

Opinião do leitor

Cristo vive!

Páscoa é vida, é presença, esperança e certeza. Porque Jesus ressuscitou, Aleluia! A Páscoa é o símbolo da esperança de todo Cristão. Cristo é a nossa esperança viva. Certeza: Jesus está vivo em nosso meio! O túmulo está vazio... Aleluia! Jesus Cristo ressuscitou! Feliz Páscoa para nós!

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: FAMÍLIA REAL BRITÂNICA VISITA CAMPO DE CRICKET EM NITERÓI

As principais notícias do Correio da Manhã em 8 de abril de 1931 foram: Rompe-se um movimento revolucionário na Venezuela e ruas de Caracas estão ocupadas por manifestantes e policiais. Isabel e Henrique de Orleans e Bragança se

casam em Palermo, na Itália. Família Real Britânica joga cricket em Niterói. Portugal e Inglaterra enviam navios para a Ilha da Madeira, para conter possíveis movimentos revolucionários no arquipélago. Crise política cresce em São Paulo.

HÁ 75 ANOS: OPOSIÇÃO PRESSIONA E VARGAS ANUNCIA REFORMA TRIBUTÁRIA

As principais notícias do Correio da Manhã em 8 de abril de 1951 foram: Aprovada a ata final da reunião dos Chanceleres da América. Tropas Aliadas avançam no

território norte da Coreia. Oposição pressiona e Vargas anuncia projeto de reforma tributária. DF debate fim do morro de Santo Antônio.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.